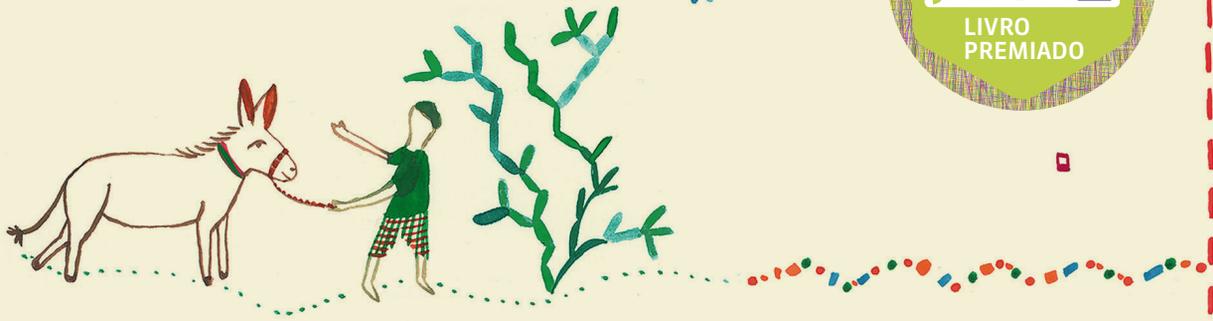




Gabriela Romeu



Terra de cabinha

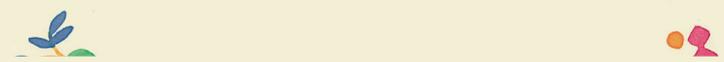
*Pequeno inventário da vida
de meninos e meninas do sertão*

Fotos de Samuel Macedo

Ilustrações de Sandra Jávera

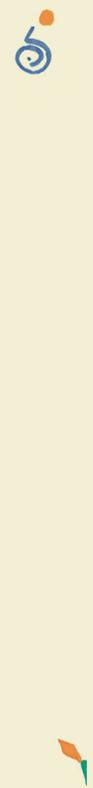


 Peirópolis



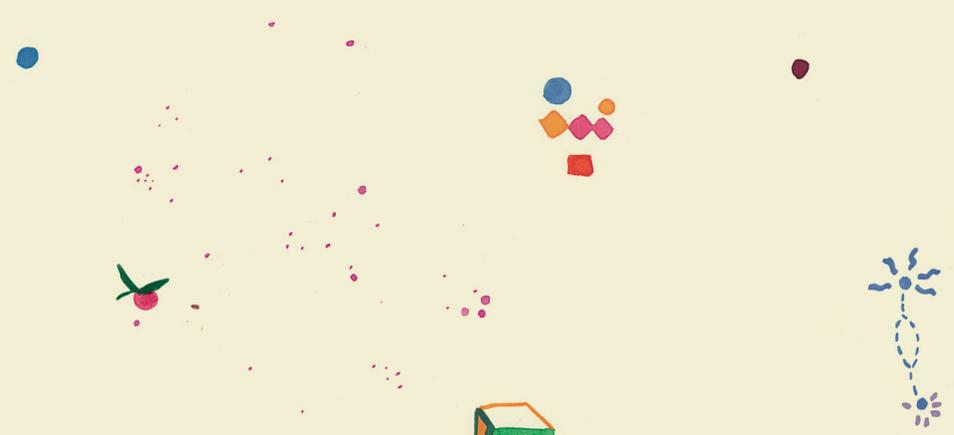
Este livro é um pequeno inventário da vida dos cabinhas, como as crianças são chamadas no sertão verde do Cariri cearense, um oásis em meio ao semiárido do Nordeste brasileiro. Tem histórias e causos, receitas e adivinhas, tradições e costumes, brinquedos e brincadeiras.

Terra das pinturas rupestres, do Padre Cícero, do poeta Patativa de Assaré, lugar em que menino vira rei, caça jumento e foge de encantados, o Cariri se destaca, na extensa pesquisa sobre as infâncias conduzida por Gabriela Romeu em todo o Brasil, como um delicado relicário das encantarias desse tempo de menino ou menina.



Este território pode ser percorrido por diferentes trilhas – ou narrativas. Aqui você ouve a voz do Cabinha, dos mestres e contadores de histórias e também da pesquisadora visitante, que registrou num caderninho as coisas mais interessantes a respeito de como vivem aqueles meninos e meninas para quem o mundo é feito de castelos, árvore é brinquedo e assombração existe, sim, senhor.

No cruzamento dessas narrativas, surge um jeito poético de *inventariar* a infância, fruto de um trabalho permeado pela escuta, pela observação e pela (con)vivência.



Terra de cabinha

*Pequeno inventário da vida
de meninos e meninas do sertão*

Gabriela Romeu

Fotos de Samuel Macedo
Ilustrações de Sandra Jávera



 Peirópolis



Este é um livro que traz história verdadeira,
um pouco de causo e um outro tanto de invenção.
Tem brincadeira, receita, versinho, adivinhação.
Vem com foto, desenho, ilustração.

É um pequeno inventário de cabinha, com lembranças
e acontecimentos plantadas há tempos no fundo dos
terreiros, colhidas no coração de meninos e meninas,
de todas as idades, temperadas com o sabor da
verdade de quem viu e salpicadas com a imaginação
de quem nunca viveu a infância no Cariri.

É para ler de dia, reler de noite – ou vice-versa –
e recontar pra quem quiser.



prefácio

Alemberg Quindins, Cabinha do sertão

Cabinha que é **cabinha** sabe caçar, na rua ou no mato, lugar onde brincar, pois o mundo é um terreirão sombreado de fruteira.

Inventa história com bicho e com gente e o tempo é seu brinquedo.

Quando um **cabinha** e o sertão se encontram na beira de uma estrada, até o cão se *envulta* em cupim e trepa num toco pra se livrar de pedrada.

Engano do cão...

kkkk

Pois o cão jamais poderia imaginar que só um **Cabinha** sabe que o cão nunca foi menino e aí tome-lhe pedrada até cair do toco.

Você sabe qual ladainha se reza pra derrubar do toco um cão que se transformou em cupim na beira da estrada?

Só um **cabinha** de verdade sabe!

Vou lhe ensinar, agora tem que repetir várias vezes bem ligeiro, senão o cão lhe pega.

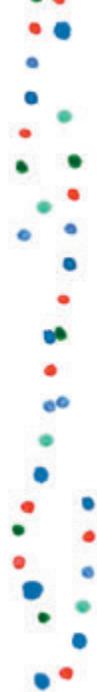
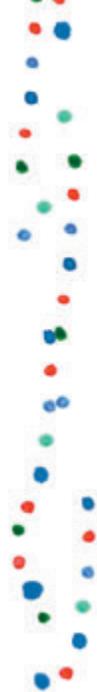
Toco cru pegando fogo

Toco cru pegando fogo

Toco cru pegando fogo

Vamos repetir de novo?

... Agora mais rápido!!!



Toco cru pegando fogo
Toco cru pegando fogo
Toco cru pegando fogo

Pronto, botamos o cão pra correr!

Cabinha é como se denomina **menino** no sertão!

Já ouviu falar em **Os Caba de Lampião**?

Pois é, se Lampião fosse um menino, seria **Os Cabinha de Lampião**.

No caso, o artigo “o” é no plural e o substantivo Caba, no singular, devido a ser uma ruma de pensamento passando de uma só vez no buraco do juízo – e tudo isso se resume em pessoa.

E em *Terra de cabinha* o sertão do Cariri se faz **amoroso** nas pessoas de Gabi e Samuel, ou Samuel e Gabi. Um **Cabinha** e uma **Cabinha** deste ser tão grande, contado e fotografado, que chamamos carinhosamente de Brasil.

Alemberg Quindins é músico, fundador e diretor da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, em Nova Olinda (CE).

Encantarias da infância

Gandhy Piorski

As crianças são sensíveis à atmosfera simbólica da comunidade e apresentam um envoltório, como que feito da substância das histórias ouvidas, do amplo código das impressões adultas e das sapiências dos mais velhos, dos gestos dos pais, dos cheiros das cozinhas, da súbita visão das mazelas nos corpos alheios, do burburinho e quietude das casas, das sonoridades da noite e do dia. A infância é um estado que se sustenta pelo contínuo trabalho de instilar, peneirar, filtrar o mundo. Crianças são como espécies de pássaros garis da natureza: fazem continuamente o trabalho de renovar as sobras do mundo, digerindo-as em uma calórica forja imaginadora, transformando-as em novos nutrientes, artefatos da brincadeira, crenças e certezas jovens, recém-nascidas, porém embevecidas de fascínio.

Gabriela Romeu, em sua etnografia literária, em seu versejar de realidades sonhadas, acessa a medida central do trabalho da criança. Encontra a faixa entre o tangível e o fantástico em que a lavra diária do brincar realiza sua função primeira: sonhar o real e, no mesmo instante, dar concreção, realizar o sonho. Em *Terra de cabinha*, Gabriela decide trabalhar a partir do lugar em que habita a Caboclinha aqui narrada, ser fantástico das histórias do Cariri: não há céu nem terra, só mata. Assim nossa autora captura estados de meninice engenhando seu texto, sua pesquisa, no território sem céu e sem terra, no espaço das encantarias da infância.

Terra de cabinha discorre por essa atmosfera, e o leitor é envolto por um largo facho luminescente de levezas suspensas, flutuando, tocando, roçando, penetrando os poros de nossa imaginação, criando imagens e onirismos dos motivos mais fundamentais de uma infância bem vivida, uma infância de cosmicidade, como diria Gaston Bachelard. Adivinhas, feitiços, espectros, presságios, profecias, antropomorfismos, simpatias, oráculos, tabus e encantados encarnados transversam o brincar. Abrem, de um só arregaço, o mundo até as fronteiras do infinito, fazem do desconhecido uma realidade pulsante capaz de atingir os descuidos, os atos incautos.



Meninos e meninas de cosmicidade são logo cedo inseridos na aguda percepção de não se crer só no visto: tio que vira lobisomem, reino que virou pedra, profecia para os dias de chuva, prisão de santo, história de assombração, reisado e caretas, macacas e castigos, Caboclinha, água de chocalho para o verbo nascer, mestres de tantos afazeres, lendas áureas de santos e seus poderes, passar o sangue do passarinho no couro da baladeira são um vasto espectro de impressões profundas, dínamos da alma, calor para o coração, alimento substancioso do campo imaginador, pronto, na criança, para vicejar.

Rica colheita Gabriela nos traz de suas andanças. Urgente intento ela nos propõe. Muitas, mas nem todas, dessas crianças do Cariri têm o privilégio de receber da cultura suas proposições metafísicas. Muitas, ou quase todas as crianças dos grandes centros urbanos já não conhecem a força nutricional dos causos, mitos, lendas, histórias e práticas de diálogo com o mundo natural encarnadas em suas esquinas, na casa abandonada do vizinho, em seus quintais, nos rios de sua cidade.

Há que se formular uma pedagogia dos encantados, do espaço fantástico da criança. Para tanto necessitamos de apontamentos etnoliterários, coletas mitológicas, fragmentos de sonhos como os que aqui podemos bem apreciar. E, se soubermos ver, este singelo texto nos leva a caminhos para além de um contexto cultural específico de um povo relampejado de inventividade e astúcia, de um Cariri amalgamado de sonhos geológicos, mitológicos e criancieiros, de estética primitivista e oralidade do repente. *Terra de cabinha* nos leva à topologia, à terra, ao chão primordial da infância, à faixa germinal de transformação do real em imaginário.

Gandhy Piorski é artista plástico e especialista na cultura da infância e nas relações entre o brincar e o imaginário.



*Sou
Cabinha*

13



*Reino de
pedra*

21

*Encantador
de jumento*

37



*Caretas
à solta*

43

*Só com
ceza, chá
e simpatia*

65



*Mestre
do
brinquedo*

69

*Espia
o mundo,
menino*

89

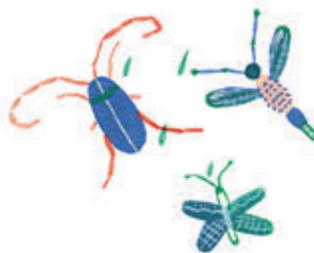


*posfácio
(ou pós-terra
de cabinha)*

90

Minha
terra, meu
terreiro

27



Mandachuva

33

Tempo
de Reis

49

Inventário

57



Vaquejada
de pneu

77



Na boca
da noite

81

Biografias

92





Sou cabinha



Sou Cabinha.
Um cabinha.
O Cabinha.
Como quiser.

Sou menino, crescido no topo da chapada.
Aqui do alto, o mundo é verde. Verdim.
É só chover um pouquinho e a caatinga verdeja que só.
Nasci no Cariri.
Que lugar é esse?
É aonde meus avós chegaram há um tempão pra pagar promessa
pro Padim Ciço.
É onde cresci ouvindo que a Pedra da Batateira um dia iria rolar
– até hoje, tá tudo bem.
É onde um dia moraram os índios Kariri.
É onde um poeta com nome de passarinho, Patativa do Assaré,
fala rimando das coisas do sertão.
É onde brinco de pião depois que chove e a terra fica batidinha.
É onde Seu Cosme não sai de casa quando dá seis horas da tarde
porque o povo diz que é hora da assombração.
É onde meninos viram reis e tios são lobisomens.
No Cariri, é assim.

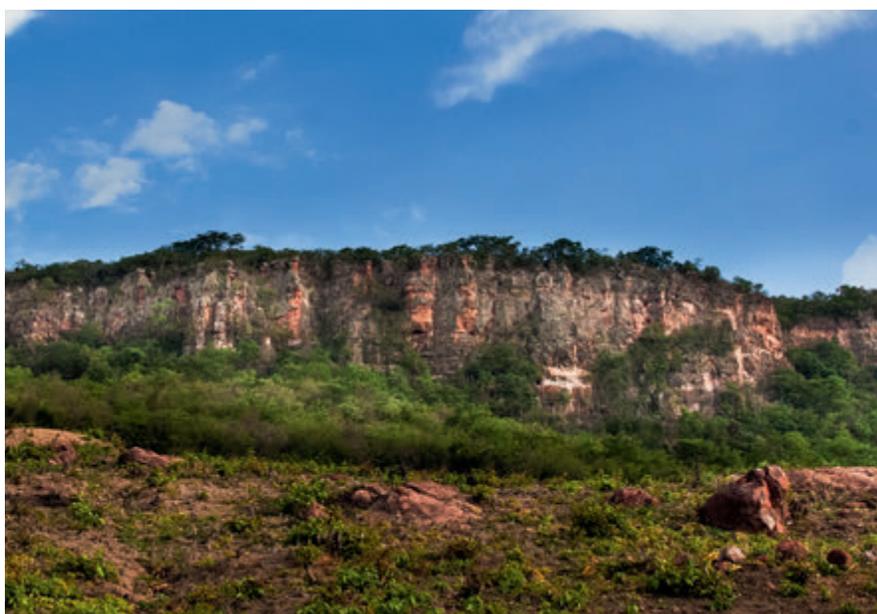
Aqui...
máscara é *careta*
chicote é *macaca*
bobagem é *fiotagem*
estilingue é *baladeira*
malcriado é *maluvido*
uniforme é *farda*
quintal é *terreiro*
verde é *verdim*
bolinha de gude é *bila*
e menino é *cabinha*.

Sertão encantado

Para contar que lugar é o Cariri, só começando com uma história de encantamento. Nas muitas andanças pela região, certa vez encontrei Dona Luzia, uma senhora de fala mansa e sorriso fácil. Na conversa em sua sala, ao lado de muitos santos que rodeavam a imagem do Padim Ciço, ela foi buscar algo precioso: um retrato de Iemanjá, a Mãe-d'Água das histórias que me contou naquela tarde. Na despedida, Dona Luzia me deu a imagem de Iemanjá, desejando que ela abrisse meus caminhos.

Foi por trilhas assim, cheias de encantarias, que conheci esse pedaço de Brasil que fica no semiárido, uma palavra mais comprida pra dizer sertão, um lugar onde o povo reza pra chover. O Cariri está no sertão, mas é chamado de oásis. O oásis do sertão. É que a região fica na encosta da Chapada do Araripe, onde há muitas fontes de água e a paisagem da caatinga é quase sempre verdinha. O Cariri, que abrange quatro Estados brasileiros (Ceará, Pernambuco, Piauí e Paraíba), é um sertão verde.

Por muitas estradas, caminhos e atalhos do Cariri cearense, onde acontecem as histórias dos cabinhas, estão sempre na paisagem os paredões da Chapada do Araripe. Eles guardam desenhos que dão notícias dos tempos do homem pré-histórico, que chegou à região do Cariri fugindo da aridez do sertão. Já no solo da região estão muitos vestígios dos tempos dos dinossauros e pterossauros, que lá viveram há 120 milhões de anos. Foi ali que brotou a flor mais antiga do mundo. Só podia mesmo ser no Cariri.



Cabra, caba, cabinha

Virgulino, vulgo Lampião, andou também pelo Cariri. “Eita, cabra da peste!”, a gente ouve falar sobre o cangaceiro. Quer dizer que foi um homem valente e temido. No jeitão do povo falar, cabra virou “caba”, que virou “cabinha”, um modo de chamar criança no Cariri.



Jacaré da Vila Lobo tem unha de gavião...

Na Vila Lobo mora o Jacaré. É um menino risonho que conhece uma porção de brincadeiras. Nesse vilarejo do Crato, quando o futebol dá uma trégua, o campinho de terra vira quintal. Ali as crianças brincam de *estrelinha sela nova*, que é o mesmo que pular sela ou pular carniça.

Jacaré dá a receita da brincadeira. Uma criança é escolhida para ser a sela: fica abaixada, com as costas como se fosse uma mesa, mãos no joelho. E o resto da turma tem a missão de saltar apenas apoiando as mãos nas costas da sela, sem esbarrar as pernas no corpo dela. Mas nada é tão fácil assim...

Tem vários jeitos de pular, sempre atendendo a alguns comandos:

* *Estrelinha nova sela* – Bate as palmas das mãos nas costas da sela e salta; a brincadeira geralmente começa assim.

* *Unha de gavião* – Faz formas de garras com as mãos, apoia nas costas da sela e salta.

* *Computador* – Imita os movimentos de teclar, aperta “enter” e pula.



Acesse para ver como Jacaré e seus amigos brincam.



- * *Torneirinha* – Faz que escova os dentes, torce a orelha da sela (como se estivesse abrindo a torneira) e a sela dá uma cuspidada (como se a água estivesse saindo).

- * *Amassa tomate* – Bate forte com a palma da mão nas costas da sela e pula. Quem pula não pode encostar na sela, só apoiar as mãos. Se a sela sente que esbarraram nela durante o pulo, grita: “Canhão!”.

E quem pulou e errou vira a próxima sela.

Na Vila Alta, lá na cidadezinha de Nova Olinda, as meninas alcançam as alturas nas brincadeiras de trancelim (ou elástico).



Meninos também comem... coração de beija-flor

Pelas estradas de terra empoeiradas, há sempre um cabinha com pedras no bolso ou no boga, baladeira na mão e olhos no céu. Espreitam passarinhos. Se alguém curioso se aproxima, alguns se assustam e guardam o arsenal. Já sabem o que dizem na escola: isso não é coisa de bom menino.

Não é de hoje e talvez seja de sempre, menino pé na roça tem saber acumulado sobre passarinhos, técnicas para caçar, mitologia sobre aves proibidas e aquelas que dão sorte ou que são boas pra comer.

Antes da caçada, a caça às pedrinhas. Os meninos procuram pelos terreiros e beiras de estrada a munição, entre sementes, caroços e pedras. Os dedos do menino tateiam a pedra em seus cantos, na palma da mão calcula o peso. Leve demais não serve.

Balar não é a única técnica de caçada. Arapuca também não. Dependendo da hora do dia e do tipo de ave cobiçada, o jeito de caçar é um ou outro. Na zona rural de Nova Olinda, meninos caçam com visgo, um tipo de cola feito com





cera da arapuá, uma abelha. O visgo é colocado na ponta de galhos fininhos, que os meninos enfiam na beira dos barreiros, bem na hora do sol quente, quando os passarinhos vão beber água. Então, eles pousam nos galhos com o visgo e ficam presos ali. Na cidade, na falta da cera da arapuá, os meninos fazem visgo com uma mistura de chiclete, carvão e óleo de cozinha. Não prega como o visgo de arapuá, mas funciona também.

Entre os passarinhos proibidos de se caçar está a lavadeira, ou lavadeira, no dizer dos meninos. Dizem que é pecado. Foi a lavadeira que lavou a roupa do menino Jesus. Já rolinha, golinha e juriti são aves bem procuradas pelos meninos. São mais graúdas e enchem barriga vazia.

Há também alguns cuidados para se ter mais sorte na caçada. Passar o sangue do primeiro passarinho caçado no couro da baladeira é um exemplo. Já para ficar bons de mira, os cabinhas comem coração de beija-flor assim que matam a ave. Só funciona se o coração ainda estiver quente, pulsando.







Reino de pedra

O tataravô do meu tataravô foi um índio Kariri.
Aqui, antes de ser terra de cabinha, foi terra do povo Kariri.
Um monte de histórias vem desse tempo, desse reino.

Lá vivia o rei Manacá mais a rainha Jurema.
Tudo um dia se encantou, tudo pedra virou.

Essa história ficou guardada nos paredões da chapada, contou meu
Tio Quindins. Ele diz que, quando o vento assobia entre os paredões,
anuncia as histórias de outras eras.

– São as pedras e também as águas que guardam a memória desse
reino, contou meu tio. – Quando as águas gemem nos açudes e
espreitam as pedras, é de saudade, Cabinha...

Tudo o que meu tio me contou guardei, anotei, desenhei num mapa.
O mapa de Itaperabussu, o reino de pedra. Ainda saio por essa
chapada pra encontrar o portal que é a entrada desse reino. Um dia.

Mapa de Itaperabussu

Algumas pistas para encontrar o reino de Manacá e Jurema nos paredões da chapada

* Procure nas pedras duas corujas. Dizem que são protetoras do lugar e tudo espiam do alto da chapada.



* Maara, a princesa desse reino, foi encantada em serpente e vive até hoje aprisionada nas águas do rio Cariús.

* O dia em que essa imensa serpente decidir se levantar das águas... a Pedra da Batateira vai rolar...

* Em algum lugar da Chapada do Araripe existe um portal que dá acesso ao reino encantado de Itaperabussu, onde vivem o rei Manacá e a rainha Jurema.

* O rei Manacá e a rainha Jurema viraram plantas quando morreram. Os índios Kariri faziam um chá dessa planta, boa pra sonhar.



* A lagoa de Vapabussu, ou Lagoa Encantada, fica no centro do reino. O povo Kariri surgiu desse mundaréu de água, espalhada por todo canto.

* Nos arredores da lagoa estão o Castelo de Claranã e suas sete janelas e o Castelo do Encantado e suas torres. Por lá vive também o Pai da Caça, o Veado Galheiro, protetor dos animais.



Acesse o conteúdo complementar.



Para ver e ouvir!



ISBN: 978-8575964156



9 788575 964156